# "Lúcia Gramado kaigang": como me redescobri na Serra Gaúcha

## *"Lúcia Gramado kaigang": como me redescubrí en la Sierra Gaucha*

## *"Lúcia Gramado kaigang": how i found out myself in the Serra Gaúcha*

**Jones Dari Goettert**

Departamento de Geografia
Universidade Federal do Acre - UFAC
Rua São Judas Tadeu, 343 - Conjunto Universitário
CEP: 69915-300 - Rio Branco, AC.
jonesdari@hotmail.com

**Resumo**: Este texto relata uma *viagem*. Fala de lugar e de não-lugar. De Gramado e Canela, no Rio Grande do Sul. De "partes" de suas gentes, mulheres e homens do trabalho. Versa, sobretudo, sobre uma *geografia das gentes* de um turismo que tende a privar mulheres e homens de uma identidade, de uma história e, portanto, de um lugar. Mas, pelos lugares e nas gentes, as linhas aqui escritas, a múltiplas mãos, transitam do estranhamento inicial à relação orgânica que foi se mostrando em tempo triplamente vivido e anunciado: o passado, o presente e o futuro.
**Palabras-clave**: Lugar, não-lugar, turismo, identidade, Serra Gaúcha.

**Resumen**: Este texto relata un viaje. Habla de lugar y de no-lugar. De Gramado y Canela, en el Rio Grande de Sur. De "partes" de sus gentes, mujeres y hombres del trabajo. Versa, por eso sobre una *geografia de gentes* de un turismo que tiende a privar mujeres y hombres de una identidad, de una historia y, por lo tanto, de un lugar. Mas, por los lugares y en las personas, las lineas aquí escritas, las múltiplas manos, transitan del estrañamiento inicial a la relación organica que se fue mostrando en tiempo triplamente vivido y anunciado: el pasado, el presente y el futuro.
**Palavras-clave**: lugar, no-lugar, turismo, identida, Sierra Gaucha.

**Abstract**: This text reports a trip. It talks about a place and a no-place. From Gramado to Canela, in the Rio Grande do Sul. From "parts" of its people, working women and men. It expresses, especially, about a geography of the people, a kind of tourism that tends to deprive women and men of an identity, a history, and therefore, of a place. But, by the places and in these people, the lines written here, by many hands, they go from the initial strangeness to the organic relation that appeared to the time threefold lived and announced: past, present and future.
**Key words**: Place, no-place, tourism, identity, Serra Gaúcha.

*Para* Reginaldo Pereira de Oliveira

"Vim trabalhar à noite por necessidade.
A rotina fica estranha, pois é difícil recuperar o sono perdido."
***Geraldo, frentista***
"Não sou prostituta,
sou secretária do amor" (...) "Meu pai ficou doente,
perdi meu emprego e tive que me virar para conseguir dinheiro."
***Garota de programa***
*Jornal de Gramado,*
*12 de novembro de 2004* (p. 28 e 29)

## *A chegada*[1]

*Ser universal é falar do lugar*! Insistia Milton Santos, em *pará*frase a Leon Tolstói: "para ser universal, basta falar de sua aldeia". O lugar: um intermédio entre o mundo e o indivíduo. É cada lugar, assim e *à sua maneira*, o mundo (Santos, 1999).

Falarei, aqui, de um lugar que redescobri depois de dezenove anos. Na época, em mil novecentos e oitenta e cinco, como estudante finalista da oitava série, então o primeiro grau, participei de uma excursão à Serra Gaúcha, Porto Alegre – capital gaúcha – e Cidreira – cidade litorânea. Naquele ano, em um dia de dezembro, à tarde, cruzei pela primeira vez o pórtico na entrada da cidade de Gramado. Com olhos curiosos e atentos, adentrava em um *mundo* novo, distante e, para aqueles pequenos olhos aprendizes, desconhecido. Lembro que o ônibus cruzou algumas ruas do centro. Não lembro se descemos ali. Descemos, sim, no "lago negro", e lá eu e o colega Marcos, juntos, pedalamos em um dos "pedalinhos" meio barco, meio cisnes, meio patos.

Depois de quase vinte anos a memória me ajuda pouco... Mas, Gramado permaneceu como uma cidade a ser conquistada por todas e todos aqueles que buscam uma certa beleza de ruas limpas, de gente bem vestida e de casas e lojas "perfeitas". Gramado, ainda e de vez em quando, vinha-me pelas belas e fantásticas reportagens de televisão. Nos invernos rigorosos a atração de turistas para ver e sentir a neve. Quando ela surgia. Quando ela caia. Aliás, sempre me impressionou a sagacidade das gentes ricas pelo frio gramadense, principalmente porque via e sentia, nas noites e dias frios gaúchos, como era trágica a vida das gentes pobres, da capital e do interior, sem um fogo para aquecer as mãos e sem um chocolate quente para aquecer o coração... Também, no inverno, atentava para a atração exercida festival de cinema de Gramado, com as atrizes e atores globais, principalmente, atravessando a avenida entre o palco do cinema e o palco da bebedeira e da comilança, a famosa "rua Coberta".

No mais, fui tocando a vida na minha pequena cidade sem cinema, como jornaleiro, estudante e ainda "serviços gerais" e "auxiliar de escritório" em veterinária de cooperativa agrícola. Depois, e centenas de quilômetros de São Martinho – minha cidade natal do

[1] Este texto foi escrito após passagem rápida por Gramado e Canela, na Serra Gaúcha, durante participação no XVII ENGA – **Encontro Nacional de Geografia Agrária**, entre os dias 11 a 15 de novembro de 2004. Agradeço a Kátya Fernandez de Albuquerque pela tradução do resumo em espanhol, e a José Janilson Amorim da Silva pela tradução do resumo em inglês.

noroeste gaúcho – como estudante universitário e como cobrador de loja de departamentos, em Marechal Cândido Rondon, no extremo oeste paranaense. Também depois, com mais mil quilômetros adiante, como estudante universitário, vendedor da "ponto frio", professor do ensino fundamental e professor do ensino superior em Rondonópolis, Mato Grosso. Nesse meio, também estudante em pós-graduação em Presidente Prudente, São Paulo. Mais e mais depois, ainda dois mil quilômetros além, professor universitário em Rio Branco, Acre, com vínculos ainda na pós-graduação no oeste paulista.

A *volta* a Gramado: a participação em evento científico, retornando e reencontrando também Canela. XVII Encontro Nacional de Geografia Agrária... Este texto é parte deste re-encontro. De um certo desencontro. De uma redescoberta. De um gaúcho um pouco paranaense, um pouco mato-grossense, um pouco paulista, um pouco acreano. Em Gramado, na serra gaúcha. Procurando também, no presente, *momentos* e *lugares* do passado. No turismo? Não... Nas gentes.

Em uma certa "Geografia do sujeito", como mostrava, *ainda vivo*, Armando Correia da Silva. Uma Geografia *feita* dos sujeitos não como população, números e abstração, mas como pessoas – habitantes, produtores, consumidores... – instituídos "de suas características de percepção, representação e consciência do espaço" (1985, p.3). A percepção ligada à existência, em que:

> A dimensão espacial da percepção é então um dado de uma existência múltipla de estímulos espaciais (espaço psicológico, espaço econômico, espaço social, espaço político, espaço cultural, etc.). Os dados da percepção, por sua vez, orientam nosso comportamento. Como isso se dá? Pela representação que nós fazemos dos objetos, das pessoas e das idéias. É pela representação e pela percepção que assinalamos o meio em que vivemos e que ajudamos a criar (Silva, 1985, p. 3-4).

E, ainda em companhia de Armando Correia da Silva, aprende-se que a percepção e a representação se dão por meio da *experiência*, em uma "Geografia do sujeito" capaz de ultrapassar a coisificação de objetos, pessoas e idéias", eliminando "a separação entre sujeito e objeto, não só no ato de pensar, mas também no ato de existir" (1985, p. 4-5). Uma "Geografia do sujeito"... Por uma *geografia das gentes*, nela contida a unidade daquilo que a ciência teima em separar: *sujeito* e *objeto*. Sem pestanejar, uma geografia do *sujeito* anulando – e *comendo* – o *objeto*, na interessante observação de Eliseu Savério Spósito[2].

Uma *geografia das gentes*, aqui, a partir de mulheres e homens trabalhadores de Gramado e Canela, com seus nomes e fazeres, *fazendo* comigo, mesmo que não percebessem, a busca de lugares do passado, do presente e do devir. Uma busca de *jeitos*, *cheiros* e *gostos*, construída a partir de um olhar fenomenológico mas que necessita pensar as *gentes* em tempos e espaços dialéticos, fazendo-se temporal e espacialmente os próprios lugares. A percepção de lugares – e de não-lugares – como constituinte das *gentes* do trabalho, daí também a necessidade de uma análise que não pode desistir da perspectiva de classista, cultural, ideológica, econômica e política na qual mulheres e homens se inserem. Afinal, Gramado e Canela fazem parte do mundo!

---

[2] Durante argüição em defesa de minha tese de doutorado (citada adiante), em 08 de novembro de 2004.

Uma dialética entre lugar e não-lugar desvelando o artificialismo de um turismo que priva gentes trabalhadoras de sua história, de sua identidade e de seu lugar, mesmo que seja a periferia escondida por trás dos morros longe do centro de Gramado, ou da casa do homem negro pobre de Canela, trabalhador pedreiro aposentado, que nunca visitou a cascata do Caracol.

A *revelação* e a redescoberta de um lugar do passado – que se fez presente – dadas não pelas imagens, pela mercadoria, pelo consumo ou pelo sorriso roubado e vendido de jovens vendedoras e vendedores. Mas, pela cumplicidade e pela identidade, nelas e neles, de gentes do trabalho, de uma classe que se faz heterogênea e múltipla, e que no falar – porque toda fala também é uma interpretação – possibilita a apreensão da denúncia do não-lugar, uma vez que faz ultrapassar a *leitura* fria e mecânica dos lugares e das gentes na medida que são as próprias gentes o centro narrativo, de análise e de interpretação.

Assim, a perspectiva metodológica é simples, mesmo que, talvez, ousada: fazer emergir das falas das mulheres e homens do trabalho o lugar, a identidade e as próprias gentes negadas pelo processo avassalador de mercantilização de tudo e de todos, também reduzindo o espaço à mercadoria. Portanto, não é pela abstração teórica inicial que o não-lugar perde força, mas pela relação e pela identidade que o autor vai tecendo e redescobrindo nos contatos, nos olhares e nas palavras das gentes do trabalho.

## Hei de voltar pro sul

> "Rogério, que é proprietário de uma pequena fábrica de móveis,
> voltou a ser vítima de seqüestro na segunda-feira passada."
> *Jornal Integração, Canela-Gramado,*
> *12 de novembro de 2004* (p. 32 e 35)

Em direção a Gramado, já em rodovia sul-riograndense que ia cortando Vacaria e depois Caxias do Sul, foi tocando na minha cabeça uma apropriada canção para um gaúcho em "retorno", ou melhor, em visita aos *pampas*: "Hei de voltar pro sul / Eu não sei bem por quê / A saudade sem jeito / Dá um nó no peito / E me faz querer / Rever a noite azul / Do Rio Grande do Sul / Pra depois morrer"[3].

As voltas rápidas ao Rio Grande do Sul são sempre tendências que dependem das condições econômicas e das expectativas que gaúchas e gaúchos, fora dali, desenvolvem frente às possibilidades de visita. Quero dizer também, com isso, que nem sempre há o desejo de rever familiares e que nem sempre o *lugar deixado*[4] é

[3] "Hei de voltar pro sul" (primeira e última estrofe), canção composta por Kledir Ramil e José Fogaça, gravada em 1982, no movimento de luta contra a ditadura militar no Brasil – a terceira estrofe é elucidativa nesse sentido: "Hei de voltar pro sul / Há muito que lutar / Vencer a dor do açoite / Vencer a noite e ver chegar / A pátria livre e o dia / De ver Maria e então sonhar".

[4] Desenvolvi e utilizei as definições de *lugar deixado* e de *lugar chegado* – para lugares de origem e de destino – no meu trabalho de doutorado, que abordou a migração gaúcha para Mato Grosso a partir dos *olhares* de quem *partiu* – as e os migrantes – e de quem *ficou* – familiares que permaneceram no Rio Grande do Sul. Como recorte espacial, o trabalho de campo envolveu gaúchas e gaúchos da periferia de Rondonópolis que migraram do noroeste do Rio Grande do Sul (Goettert, 2004).

prenhe de saudades. Porque, também, nem sempre o *lugar deixado* foi palco de relações que devem ser lembradas ou revisitadas, na medida que o desconhecimento, a indiferença e o estranhamento tomam a centralidade, como deixou claro um gaúcho trabalhador que entrevistei em Rondonópolis:

> assim, quando a gente faz tempo que a gente não vai pra lá, assim, o povo ele fica tudo desconhecido. Os que te conheceram, eles ficam assim... né? E os outro novato, os novos, eles nem te conhecem, você tá como largado. Olha, eu tive onze anos ou doze que eu não fui lá mais, é, daí eu resolvi, fui, fui, parei na firma lá... Gente que eu conheci, que tomava cachaça junto, bebia, né? olhei por cima dos pé e eu reconheci ele ainda: 'você bebe ainda, larga isso aí seu relaxado'. Ele foi tomá uma cachacinha sentado assim, eu olhava ele, e ele néca, não me conheceu mais. Ainda mais se eu fosse voltá pro Rio Grande do Sul... Aí piorô, é só um sobrinho, dois sobrinho que eu tenho pra lá, e o meu filho que me conhece, o resto... (Goettert, 2204, p. 268-269)

O "resto" é uma outra história! O "resto" da vida de cada gaúcha e gaúcho trabalhadores, depois da migração para perto ou longe do Rio Grande do Sul, mas para fora dele, é parte da história das *perambulações* das e dos pobres brasileiros no Brasil e no estrangeiro, mas que vai fazendo de cada *lugar chegado* o seu próprio *pedaço*, o seu próprio *chão*, o seu próprio *jeito*, na amálgama de *su-jeitos* que se acostumam com os *jeitos* dos lugares. Ana, mulher gaúcha trabalhadora no Mato Grosso, foi elucidativa:

> [na chegada ao Mato Grosso] "a gente estranhô um pouco, porque é diferente, cada lugar tem seu jeito, cada lugar tem um jeito diferente de vivê. Aqui pra mim no começo foi diferente né, as pessoas, o jeito de falá, estranha um pouco, né? A gente acostuma, tudo acostuma, né? Que nem o pessoal daqui í pro sul, até eles acostumá o jeito do pessoal lá, aí é bem sofrido pra eles... Então, mas em todo lugar a gente acostuma o jeito" (Goettert, 2004, p. 169).

Assim,

> O "acostumá o jeito" do lugar promiscui-se ao "acostumá o jeito do pessoal". Em Ana, "lugar", "jeito" e "pessoal" são indissociáveis. O "jeito" do lugar é o "jeito do pessoal". O "jeito do pessoal" é o "jeito" do lugar.
>
> O lugar pode ser entendido como a simbiose de "jeitos" que se produzem e se reproduzem pelas mulheres e homens. Su-*jeitos* que se acostumam aos "jeitos". Os sujeitos estão su-*jeitos* aos jeitos. Em outras palavras, o "jeito do pessoal" é tanto condição como produto para e entre aquelas e aqueles que simultaneamente são e estão sujeitos ao "jeito" de si e ao "jeito" dos outros. Ana, no Mato Grosso, estranhou e se acostumou ao "jeito do pessoal", porque do estranhar ao acostumar, a migrante ou o migrante transita do "de fora" para o "de dentro". A percepção das diferenças – "cada lugar tem um jeito" – produz o estranhamento, enquanto a *dissolução* delas produz a acomodação – "em todo lugar a gente acostuma o jeito (Goettert, 2004, p. 169-170).

Talvez já acostumado com os *jeitos* do oeste paranaense, do sudeste mato-grossense, do oeste paulista e do leste acreano, e um tanto *desajeitado* ao *jeito* gaúcho, fui tentando me *redescobrir* em um *jeito* dos "pampas" um tanto distante no tempo e no espaço,

morando a mais de dois anos em Rio Branco, no Acre. Normal, portanto, não se reconhecer – ou não se redescobrir – imediatamente com os *jeitos* e *sujeitos* do *lugar chegado*, entendendo esse como o Rio Grande do Sul. *Recortado*, aqui, em Gramado e Canela.

Mas, logo no início daqueles dias em Gramado, foi-me chegando a questão se era possível, realmente, se reconhecer nesse lugar. Pois, afinal, que lugar era aquele? Mais do que isso: era, ali, um lugar? Que lugar era aquele onde tudo e todos praticavam códigos do bem-receber, do bem-querer, do bem-atender para, fundamentalmente, bem-vender? Parecia o paraíso. Sem pobres, nem ricos... Só "anjos", com os carros parando em cada início de faixa e, mesmo sem semáforo, deixando as e os pedestres invadir a rua... Que Rio Grande do Sul era aquele? Que Brasil? Que mundo? Assim, como autômato, parecia me deslocar para um "lugar" não-lugar, nos termos postos por Marc Augé:

> Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a "lugares da memória", ocupam aí um lugar circunscrito e específico (2001, p. 73).

Gramado não me provocava estranhamento apenas por eu ser um gaúcho *fora do lugar*. Era mais que isso: Gramado me aparecia absolutamente estranho e desprovido de uma identidade histórica-coletiva, inclusive, entre as *gentes* dali e o lugar. Parecia-me um filme onde todas e todos representavam para que eu também me percebesse em um *lugar* fora de mim... Em outras e extremas palavras, fora do mundo real.

Sei, contudo, que a realidade não se encerra na concretude material das *gentes* e das coisas, mas se mistura ao imaterial, às imagens, às representações, ao simbólico e à ideologia. Lembrei-me, então, de um bonito texto de Ana Fani Alessandri Carlos sobre o turismo, ao descrever a relação entre turistas e o pôr-do-sol, no Havaí:

> O pôr-do-sol reservou-nos um espetáculo à parte, não tanto pela beleza (que era na verdade estonteante, pois o sol se põe no mar), mas como se estivéssemos prontos para ir ao cinema; as pessoas iam chegando, sentavam na areia, obviamente com suas máquinas fotográficas ou de filmar, absolutamente indispensáveis – o turista vê através da lente e só observa o que a câmara surpreende – esperando silenciosamente o pôr-do-sol. Quando este se põe é como se o filme tivesse acabado, pois todos se levantam e saem da praia formando um fluxo que se assemelha à saída do cinema, ou melhor, ao fim de uma partida de futebol, pelo número, só que saem organizada e silenciosamente como se alguém os estivesse dirigindo (1999, p. 27-28).

Como em "O show de Truman"[5], o *show da vida*... Como aquela piada: 'hei, vou participar do *reality show*'! 'Pra quê?' 'Pra sair da realidade'... O controle, os gestos repetidos, os sorrisos largos tanto de quem vende pipoca como de quem ajunta o lixo...

[5] Filme de Peter Weir (EUA, 1998).

Mas quase não há lixo. E parece nem haver quem mande e quem obedeça... A invisibilidade das contradições, dos paradoxos e dos conflitos. A alegria se parece cênica... "Em todos esses lugares o espetáculo contempla a vitória da mercadoria que produz cenários ilusórios, vigiados, controlados sob aparência da liberdade" (Carlos, 1999, p. 28). O turismo produzindo, na serra gaúcha, um não-lugar: "O espaço produzido pela indústria do turismo perde o sentido, é o presente sem espessura, quer dizer, sem história, sem identidade; neste sentido é o espaço do vazio. Ausência. Não-lugares" (Carlos, 1999, p. 28).

Porque o *oposto* disso, o lugar, ainda segundo Ana Fani Alessandri Carlos,

> é, em sua essência, produção humana, visto que se reproduz na relação entre espaço e sociedade, o que significa criação, estabelecimento de uma identidade entre comunidade e lugar. O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade (1999, p. 28).

Uma criação... E a identidade? Sentia-me distante daquele pedaço de *chão*, parte do "meu" Rio Grande do Sul *deixado*. Talvez, sentia ali a expressão máxima do estranhamento, da não familiaridade, de um vivido que se mostrava distante demais daqueles vinte anos morados, trabalhados e vividos no noroeste gaúcho. O pretendido encontro do *sujeito* com a *alma do lugar* (em alusão a Eduardo Yázigi, 2001) ia se esvaindo pelas ruas e prédios límpidos, com suas mulheres e homens "teatralizando" a vida-como-ela-não-é! Assim via eu, talvez um rômantico, um melancólico ou um saudosista de um tempo e de um espaço – lugares – onde a vida parecia mais real e onde as mulheres e homens, além de sorrirem, também choravam. Além de viverem, também morriam. "Morrer" para elevar e deixar seguir a *alma*... Que *alma*?

> alma seria o que fica de melhor de um lugar e que por isso transcende o tempo – mas não existe sem um corpo. Alma são materialidades, práticas e representações com uma aura que se contrapõe ao que chamaríamos "desalmado". Não creio que possa ser entendida por processos lógicos. Há alma quando há paixão das gentes pelo lugar. A alma orbita além da ciência, e tem de ser entendida num plano mais elevado que o formato acadêmico (Yázigi, 2001, p. 24).

Assim me ensinou Eduardo Yázigi. Se *alma*, há corpo. Onde? Quando?

Sentia-me perdido em um não-lugar onde o passado e o futuro pareciam se prender a um presente contínuo, destituído de construção e aniquilado no seu devir... Além do objetivo claro e imediato das patroas e patrões: ganhar dinheiro. Muito dinheiro.

Na pizzaria, "rodízio de pizzas". Dez reais por pessoa! Serviram-me a garçonete Amanda e os garçons Fernando e Cleber. Trabalhadora e trabalhadores. "Pizza de chocolate branco". "Pizza de chocolate preto". Pizzas disso e daquilo. Pizzas e pizzas: um show de comilança. Serviram-me o vinho meio barato. Dor de cabeça. Esperaram assar a outra pizza. "Pizza de uva e pêssego"... Foi assim, naquela primeira noite meio quente meio fria, que fui me dando conta, à frente de Amanda, Fernando e Cleber, que o (não-)lugar se fazia, também, no e pelo trabalho de centenas e até milhares de gentes

anônimas, mas que a partir dali, naquele instante, decidi tentar me aproximar, trazendo seus nomes e um pouco do que eram e do que faziam.

E foi nelas e neles, em vários *pontos* de Gramado – e também Canela – que fui redescobrindo o "meu" Rio Grande do Sul *deixado*. Nos nomes e nos *afazeres* registrados, discreta e rapidamente, fui me *achando* na serra gaúcha, *cobrindo-me* de gentes "comuns" e simples, a maioria trabalhando no centro e morando na periferia – que até então parecia querer se cobrir de "neve" e sumir diante dos olhos de alguém ausente-presente angustiado. E são os *nomes*, especialmente, que seguem aqui... Nomes que iniciam as relações, que *exalam* um "fascínio metafísico e mitológico", no dizer de Mauro Maldonato (2004, p. 136).

## O João da favela que a vida atrela a um carro de mão

> "um magistrado do Rio de Janeiro entrou com uma ação na Justiça pedindo que o porteiro e demais funcionários do seu condomínio o tratem por "doutor" ou "excelência""
> *Zero Hora, Porto Alegre, 12 de novembro de 2004* (p. 2)

Amanda: branca, descendente de alemães. Fernando e Cleber: brancos, descendentes de alemães. "Obrigado por servirem-me". Saí da pizzaria à meia noite. Talvez, por ainda umas duas horas, os três continuaram atendendo, servindo pedaços de pizzas e limpando a sujeira deixada por algumas e alguns iguais a mim.

Os nomes de Amanda, Fernando e Cleber foram se fazendo no trabalho, no sorriso gracioso, primeiro um tanto roubado, depois feito cumplicidade de gentes que parecem se conhecer um bom tempo, porque originários de "alemoas" e "alemãos" pobres, imigrantes de uma Alemanha que expulsava camponeses em nome da "modernização" capitalista e da unificação territorial, política, econômica e cultural, na segunda metade do século dezenove. Nem todas e todos foram unificados. Muitas e muitos cruzaram o Atlântico e se embrenharam por vales e por serras, por mata adentro e por rios e riachos de águas frias, mas altamente saciadoras da sede. De alemães como "Willy", "Heinrich", "Kurt", "Jacob" e "Hans", personagens imigrantes de "O tempo e o vento", de Erico Verissimo...

> Willy olha a mata. Verflucht! É preciso derrubar árvores, virar a terra e antes de mais nada fazer uma casa. Mas o alfaiate Willy não sabe constuir casas. Senta-se numa pedra e fica olhando as nuvens e achando que Gott wird helfen.
> Outras levas de imigrantes chegam. São da Renânia, do Palatinado, de Hesse, da Pomerânia, da Baixa Saxônia e da Vestfália. [...]
> Heinrich ficou debaixo dum cedro com o peito esmagado.
> Kurt foi mordido por uma cobra.
> Um índio furou o olho de Jacob com um frechaço. [...]
> Willy experimentou o mate chimarrão, queima a língua, cospe longe a água verde e amarguenta. Mas Hans o ferreiro prova e gosta, veste chiripá, se amanceba com mulata e, vergonha da colônia, muda de nome: é João Ferreira. (1976, p. 155-156)

Hans vira João! Mais de cem anos depois, seria o "João Saudade", de Dante Ledesma? "O João da favela que a vida atrela / A um carro de mão / E João lá de fora repontando agora / Papel, papelão"[6]. Um João "alemão" pobre...

Porque as e os "bugres", depois de *espirarem intrigados* e de *furarem os olhos dos Jacobs*, parecem agora ser *espiados* pela intriga dos cantos dos olhos das e dos gramadenses – dali e de fora –, como se os olhos permanecessem ainda *furados* para a alteridade, para o encontro, para uma festa multiétnica. Foi assim que primeiro vi e *espiei*, na principal rua de Gramado, a "rua Coberta", Lúcia, uma Kaigang vendendo artesanato feito de palha, penas poucas e coloridas tintas contrastando com seu olhar vitimado pelo "frechaço" branco, cristão e ainda europocêntrico.

"Qual é seu nome?" "Lúcia". Só Lúcia. *Só* índia. *Só* Kaigang.

"Estranha", é mirada pela "culpa" de estar no lugar do outro. O não-lugar indígena, mesmo que arcos e flechas, cestos e balaios, cocares e colares deles sejam expostos, em lojas de artesanato, para turistas comprarem e levarem para as salas de seus apartamentos e mansões, enquanto Lúcia, em silêncio, tem o olhar longe e a *alma* aconchegada pelas gentes da aldeia distante, mas também dela.

Ali, em frente à vitrine de uma das lojas da "rua Coberta", em Gramado, senti em Lúcia a constituição de um lugar bonito, mas não menos estranho para aquelas e aqueles que não conhecem, dominam, manipulam e *lidam* com os códigos de um *jeito* de se fazer turista, de um *jeito* de se fazer comprador, de um *jeito* de se fazer mercado, dando e recebendo dinheiro. Muito dinheiro.

Lúcia, com o artesanato, ganha pouco dinheiro.

Lúcia, com outros *seus*, torna e contorna as ruas para além do centro e encontra Reginaldo[7]: "Hein, pra onde fica a rodoviária?" Com a voz baixa e a cabeça levemente inclinada para frente, Lúcia se dirige ao estudante de longe, do oeste paulista, na condição de submissa, pronta e preparada a receber a resposta da indiferença, do preconceito e, na não informação, da discriminação. Reginaldo, um estranho entre estranhos, compreendeu o pedido que também soava como suplício. "Não sou daqui, mas a senhora pode ir por aqui e depois por ali... A rodoviária é nessa direção". "Obrigado!" Lúcia e os *seus* continuaram o caminho seguindo a *trilha* dada por Reginaldo...

No outro dia, e também no depois-de-amanhã, ainda vi Lúcia caminhando, lentamente, pelas ruas centrais de Gramado, em um *mundo* onde ela e os *seus* parecem deslocados do encontro, barrados na *festa*. A festa, inclusive, camponesa: "O espaço da festa [camponesa] (...) compreende a "unidade na diversidade", como síntese de múltiplos tempos que não se apagam por completo, mas que se fundem e se colocam vivos nas relações que se estabelecem entre os *corpos* e o espaço da festa" (Goettert, 1999, p. 144). Uma diversidade camponesa, mas não necessariamente indígena. Ou "bugre", como são definidas as índias e os índios no Rio Grande do Sul.

---

[6] Últimas estrofes da canção "João Saudade", composta e interpretada por Dante Ledesma. (CD "Bem gaúcho", UsaDiscos, Porto Alegre, 2002)

Ali, na *festa* do encontro dado pelo turismo ou pelo festival de cinema ou pela neve, as índias e os índios participam como *gentes não gratas*, enquanto que vendem, por alguns reais, peças de um artesanato que ultrapassa a história de Gramado e do próprio Rio Grande do Sul. Em outro dia, quem sabe, talvez outras e outros transeuntes encontrem Lúcia em Canela, ou em qualquer outra cidade onde mulheres e homens com dinheiro, em solidariedade ou por pena ou por exibicionismo, comprem um cesto para a roupa suja entre o banho e a lavagem.

Em Canela... Pego – ou embarco – o ônibus coletivo na rodoviária de Gramado rumo às terras canelenses. Antes avisto, em seus poucos bancos de madeira *rodoviários*, mulheres e homens do trabalho. Cansados. Talvez, preocupados. Muitas e muitos brancos. Algumas e alguns, nem tanto.

Passagem até Canela: R$ 1,20. Na cadeira ao meu lado um homem negro segura o pega-mão no assento à frente. Olha, sem direção, a paisagem lá fora. O ônibus parte.

Pergunto sobre o tempo. "É, acho que não chove mais, mas o frio deve vim". "Tomara que não esfrie tanto", digo. "Mas não sei, tchê; quando a chuva pára o frio chega junto". "É... E o senhor trabalha aqui, em Gramado?" "Não, eu sô aposentado, encostado". "Aposentado?" "É, sofro de coluna, não posso mais trabalhá pesado". "O senhor trabalhava no quê?" "Era pedreiro, mas não deu mais, né? Agora tô aposentado... Tá vendo aquele prédio ali, ajudei a fazê. Aquele outro também..."

Gramado ia se refazendo nos prédios ajudados e construídos por aquele pedreiro de trinta e quatro anos. Jovem, mas impossibilitado de continuar o trabalho na construção civil. "Meu nome é Claudemir".

Claudemir, enquanto vê o caminho entre Gramado e Canela, fala da esposa e dos dois filhos, das dificuldades em sobreviver com uma aposentadoria pequena. Tinha a clareza de que "quem não consegue mais trabalhá é descartado, isso é certo, pode acreditá; como eu, só que já consegui a aposentadoria". Na primeira ida para a "vistoria" no "inss" em Caxias do Sul, mandaram-no de volta, admitindo que não tinha problema algum. No dia seguinte trabalhou duas horas, quando a coluna não mais permitiu que levantasse. Retornou mais três vezes ao "inss" até conseguir a aposentadoria.

Negro e pobre, não trabalha e nem mora em Gramado. Mora em Canela. "Mas, vô tê dizê: até hoje, com mais de trinta e quatro anos, ainda nunca fui pra Caracol, ainda não conheço!" "É mesmo?" Na rodoviária em Canela, vi Claudemir pela última vez...

Diferente de Claudemir, ia rever a cascata do Caracol. Um táxi. Um taxista: "Chico", de nome Silvio. Branco, em torno de vinte e cinco anos, "Chico" nasceu em Caxias do Sul e estava em Gramado há poucos meses, dirigindo e transportando turistas para lá e para cá. Uma das alegrias – ou algumas das tristezas – é proporcionada pelo colorado Internacional, seu time desde criança. Outra alegria é quando o principal adversário, o Grêmio, despenca para a segunda divisão. "Chico" nos deixa em frente ao parque do Caracol. R$ 18,00. "Chico" não nos disse que o ingresso para o parque era sete reais e vinte centavos por pessoa... Paguei.

Foi aí que melhor compreendi porque Claudemir, o pedreiro negro aposentado porque a coluna dói, nunca viu a cascata: se levar a esposa e os dois filhos, gastará quase quarenta reais entre o ônibus e a entrada no parque. Claudemir: o negro "traído"! As contradições aparecendo e fazendo de quem trabalha a negação ao próprio resultado

dele. Claudemir não fez a cascata do Caracol. Mas ele e seus colegas de construção fizeram os pórticos das entradas de Gramado e do parque Caracol!

"Traído", o negro – como os lanceiros negros de uma certa revolução que, adjetivada de farroupilha, porque de farrapos, deveria representar a história, a vida e a luta das gentes pobres gaúchas. Mas, não foi isso o que *restou* para os negros na "revolução": já encerrando-se o ano de 1844, as tentativas de paz entre as forças imperialistas e farroupilhas estavam adiantadas, e o grande número de escravos – os *lanceiros negros* – haviam recebido dos farrapos a promessa de alforria ao terminar a revolução (*cf.* Assumpção, 1998, p. 19). Contudo, era inconcebível libertar escravos em uma pátria de mulheres e homens cativos, simplesmente em decorrência de um acordo verbal antes da guerra! A traição:

> Em tratativas firmadas entre o Duque de Caxias e David Canabarro ficou traçada a sorte dos lanceiros: Caxias ordenou que o Coronel Francisco Pedro de Abreu atacasse o acampamento farroupilha no dia 14/11/1844 e que o mesmo não temesse o resultado do confronto, pois a infantaria farroupilha, composta por escravos, estaria desarmada. Por ordem de Canabarro, conforme o "Acordo Secreto" entre ambos. Desta forma, com o auxílio de Canabarro, a infantaria negra foi covardemente massacrada (Assumpção, 1998, p. 20).

Na Caracol, as águas também são privativas para as e os turistas de perto e de longe, como um grupo de alunas e de alunos de Assunção, no Paraguai, desfiando um espanhol com sotaque guarani. Felizes...

Desci os quase mil degraus até o "pé" da cascata. 927 degraus entre mato, flores, samambaias, pinheiros e água, muita água... Diferente da opinião do negro Claudemir, a chuva, naquele final de tarde, caia ao lado da água branca que despencava morro a baixo, batendo nas pedras e estilhaçando-se em vento e vapor para dentro da mata. Cento e trinta e um metros de queda! Extasiado, permaneci imóvel por minutos inteiros. Minutos quase transcendentais, quase metafísicos... Até que a coragem me fez, aí sim, subir os degraus, com mais de dez paradas para que o corpo, mesmo magro e leve, chegasse ao topo.

Dali, segui para as *cabeceiras* do rio. A barragem ainda concreto dava o *tom* do desvio da água para o moinho, onde os cereais eram moídos para a farinha, para o pão, para a mesa, para a barriga...

O sino deu o sinal para o fechamento do parque. Apressei o passo e esperei o ônibus para a volta a Canela. Depois para a volta a Gramado. Embarcou, no mesmo ônibus, Rosa, uma trabalhadora do parque. Mora perto dali, na Linha Banhado Grande. Rosa descende de italianos e mora com a mãe em pequena propriedade feito barranco, mato e terra boa, com a horta dando as verduras e os legumes, a vaca o leite, as galinhas os ovos e os poucos porcos a carne quase branca do churrasco no domingo. Camponesa, faz do trabalho no parque uma renda importante. "É bom"...

Vinte minutos depois o ônibus encosta na rodoviária pequena de Canela. A chuva ainda cai, mesmo que fraca. O frio também: o termômetro da rua marcava cinco graus!

A noite se estendeu e no dia seguinte continuei me redescobrindo de pequenos *dados* e de grandes *nomes* de gentes do trabalho, que foram ajudando a descobrir uma outra Gramado, uma outra Canela. Nomes de gentes como dos trabalhadores e das

trabalhadoras da fábrica de chocolates feitos papainoéis, telefones celulares e uma infinidade de outras deliciosas guloseimas cacaueiras. A jovem Daniela foi a guia. Cabelo escuro e pele clara, falou sobre a origem do cacau, o processo de mistura com as castanhas e mostrou as trabalhadoras e os trabalhadores embalando os chocolates brancos e marrons, dos mais variados modelos e tamanhos. Vistas de enormes janelas envidraçadas, as gentes do trabalho usavam roupas brancas e máscaras no rosto. "Para não contaminar o chocolate", logo explicou Daniela. Pensei que fosse para não comê-los... As mãos ágeis das mulheres e homens faziam o ovo de chocolate branco "nascer" pelado e ser encaixado "vestido" de um fino papel colorido, arrematado por uma fita de igual tonalidade. Ao fim, o selo da empresa, para ninguém esquecer que se não fosse o capital, chocolate não existiria igual!

No centro de Canela, a visita à igreja matriz é *lugar comum*. A Igreja Nossa Senhora de Lourdes, que teve a primeira pedra ali fincada em 1953, se ergue no alto da colina também feita praça e jardins, rodeada de ruas que levam para as lojas de vinhos e salames, artesanatos dali e da Índia, comidas para o almoço e para o jantar. E, diferente de Gramado, Canela parece mais normal.

Na igreja, mulheres e homens – grandes e pequenas gentes – entram, fazem o sinal da cruz, algumas e alguns se ajoelham, rezam e fazem seus pedidos. Circulo entre os bancos de madeira e os vitrais coloridos a mostrar a ladainha de Nossa Senhora; quantas mãos ali *apareciam*, umas explícitas, outras não. Um telefone celular tocou junto ao corpo de um senhor ajoelhado. Depressa desligou-o e voltou a rezar, meio constrangido por uma ligação que interrompeu sua "conversa" com Deus. Ajuntou as mãos e viu outras duas pregadas em uma cruz. Mãos presas na cruz. Mãos que seguram a cruz. Mãos que carregam a cruz. Mãos que palmilham no ar um gesto meigo e terno. Mãos de anjos feitas por mãos rudes de mulheres e homens terrestres. Mãos que depositam e acendem velas e velinhas. Muitas velas. Luzes que seguem uma melodia invisível talvez perceptível, somente, para olhos que ali não perdem e não ganham milagres dos céus, porque Deus apenas paira como espectro distante e desprovido de sentido.

Dois "santinhos", próximos à porta principal da igreja, estavam à disposição de quem os quisesse. Um era de Nossa Senhora Aparecida. Outro de Santo Expedito. Ela, negra. Ele, com vestes de um militar da antigüidade romana. No verso do "santinho" da padroeira do Brasil, podia se ler: "Mandei publicar e distribuir um milheiro desta oração, para ajudar a divulgar cada vez mais a devoção à Nossa Senhora"; e, abaixo: "R$ 38,00 o milheiro + pequena taxa de entrega". "Ligue grátis"... Apressadas, as gentes pouco ligavam para os possíveis milagres, enquanto as sacolas saiam cheias das lojas. O dinheiro, este sim, parece ser milagreiro.

À tarde, novamente, segui para rever a cascata Caracol. Nos *guiava*, como guia, Luís Adriano. Meio "bugre-castelhano", seu fenótipo não parecia *rimar* com feições e cores alemãs ou italianas. Luís Adriano, bastante quieto mesmo na condição de guia turístico, disse-me que conseguira o trabalho há seis meses. Antes era engraxate. O patrão pediu se "quisesse" acompanhar as e os turistas pelos *pontos turísticos*; disse que "sim", mas não conhecia todos os pontos. O patrão levou-o de um a um, explicando o que deveria e poderia falar. Talvez, pelas poucas palavras ouvidas dele, o patrão tenha restringido demais o repertório... Luís Adriano ainda estudava. "Na oitava série". Pensava em levar adiante a profissão de guia, porque dava mais dinheiro do que engraxar sapatos.

Luís Adriano guiou-nos até o teleférico que dá para a cascata do Caracol. Disse que o ingresso era oito reais; quando chegamos, pagamos dez! Justificou dizendo que não havia sido informado do aumento... Luís Adriano ainda não andou de teleférico, apenas observa as e os turistas que ficam aprisionados no assento, que me pareceu, com um pouco de exagero, um *pedaço* de prisão. A liberdade parece surgir quando o teleférico faz uma volta de cento e oitenta graus e aos olhos surge a cascata que se mostra distante, mas encantadora, igual às hortênsias próximas que contrastam o seu verde-amarelo com a água esbranquiçada da cachoeira gigante, lá longe.

Alguns homens trabalham para que o teleférico suba e desça, desça e suba. Uns auxiliam a gente subir, outros a descer. Nenhum de gravata e todos com rádios de comunicação. Naquele final de tarde pareciam um pouco felizes, mesmo que cansados.

Luís Adriano, o pequeno guia, chama para a volta a Gramado. O ônibus pára em frente ao parque do Caracol em espera das gentes dali. Sigo a pé. Na estrada asfaltada na direção parque-Canela, vou percebendo que a vida ali também é mais normal. Homens arrumam uma cerca do potreiro. Outro corta a grama do jardim com sua máquina esverdeada. Um grande gramado-quintal abriga um pequeno parreiral, ao mesmo tempo em que um varal estende toalhas de banho. Da ponte do arroio Tibirica, um riacho reflete os últimos raios de sol daquele dia que vai deixando a noite tomar as gentes e a luz. Um portão avermelhado fechando a estrada meio terra-meio pedra, indicava que as gentes também se "escondiam" para além das margens esquerda e direita. Porque, quanto mais próximos das e dos turistas, parece haver sempre um perigo iminente. Daí ter "cuidado com o cão" e sempre jogar o lixo, no lixo, seja um turista inimigo ou um "turista amigo".

Na curva à direita, uma placa solitária indicava a direção. Ainda nas margens da mesma estrada deparei-me com uma ex-casa camponesa. Abandonada. Algumas janelas já não mais existem e o mato parecia se aproximar velozmente. Luís Adriano não falou daquela casa. Ninguém falou. Mas, nela era possível perceber que a migração camponesa também atingiu parte das gentes rurais, deixando a casa erguida para que a lembrança permaneça como memória do abandono, da expulsão e da mobilidade, até que as paredes cedam e tudo encoste no solo e ali vire pó, deixando para as gentes turistas a visão aberta para a contemplação do pinheiro gigante. "Viva a natureza!"

O ônibus surge na curva e embarco logo em seguida... Ali, dentro, o asfalto é rapidamente cruzado e as gentes e coisas de suas margens aparecem/desaparecem em segundos.

Luís Adriano, o guia ex-engraxate, indicou, para mim e para os dois motoristas do ônibus, a boate da noite. Tipo *boite*. Tipo "zona". "Ué, mas tem zona aqui?" Pergunto. "Em Gramado não, mas em Canela sim"... Gramado limpo do lixo. Gramado limpo de pobres mais pobres. Gramado limpo do trabalho informal de camelôs ocupando ruas e praças. Gramado limpo das "putas"...

Luís Adriano, o menino-adulto-guia, deixa o ônibus e acena com a mão direita, porque na esquerda leva em notas e moedas miúdas um pouco mais de vinte reais que lhe coube. Parece feliz. É torcedor do colorado gaúcho. "Valeu, tudo de bom, obrigado"...

Aos dias sucedem as noites. Às noites, segue o sol, "lúcido" ou escondido por trás das nuvens. Enquanto isso, as toalhas avermelhadas secam nos varais e as chaminés

esperam para jorrar a fumaça que "nasce" nos fogões das casas mais pobres de Canela. Na hora do meio entre um sol que nasce e que se põe, almoço em restaurante relativamente barato no centro de Gramado. R$ 7,50 por pessoa. O movimento é intenso e faltam lugares para todas e todos os comilões do meio dia. No restaurante, a dona-"caixa" é branca. O garçom, idem. Uma garçonete, também... No restaurante, no entanto, também trabalha Camila. Nem dona, nem branca. Camila, de tez negra, serviu-me uma vez. Duas. Mais uma. Logo, não mais era o cliente e a garçonete: era eu e a menina negra. Ela, trabalhando. E eu, com ela, ia ainda mais redescobrindo *pedaços meus* naquele "lugar" não-lugar. *Pedaços* de simples gentes que iam *mostrando*, pelos nomes e afazeres, que até no "paraíso" há quem manda e quem obedece, quem lucra mais e quem ganha menos...

Camila estava ali, destoante em cor de seus colegas e da patroa e também da maioria dos clientes. Ágil, deslizava por entre as mesas e cadeiras e não vi e nem percebi nela uma competência menor que todas e todos os outros que me serviram, como Amanda, Fernando e Cleber, da pizzaria virada massa e chocolate. "Obrigado, Camila!"

Naquela mesma tarde, em praça próxima à "rua Coberta", encontrei Marinalva. Com uma pequena vassoura e uma pazinha de lixo com cabo de madeira, sem se agachar, ia ajuntando os poucos lixos que as e os turistas descuidados "deixavam" cair por entre as flores e as lojas. Devidamente uniformizada, Marinalva é natural de cidade ao sul de Gramado. Bem ao sul, da cidade de Pelotas. Atraída pelas possibilidades de trabalho que correm de boca em boca ali em outras cidades, Marinalva há três meses estava empregada, e há seis morava em Gramado. Marinalva, como Camila, é "muito" diferente das meninas e mulheres "oficiais" de Gramado: sua cor indicava a origem africana, *hoje* nos servindo e *nos* limpando do lixo "caído" e varrido; *ontem* como cativa de um Rio Grande do Sul também escravocrata.

Escravos de *ontem* nas fazendas partoris, nas charqueadas, mas, também, nas cidades:

> Também no Rio Grande do Sul foi grande a importância do escravo urbano. Os dados demográficos conhecidos ressaltam o peso da população cativa nas nossas aglomerações. Em 1780, 36% da população do município de Porto Alegre era constituída de escravos. Em 1861, onze anos após o fim do tráfico transatlântico de escravos, quando o Rio Grande do Sul exportava trabalhadores escravizados para o Centro-Sul, 23% dos habitantes da cidade conheciam ainda o cativeiro. Em 1884, Pelotas possuía cinco mil escravos. Dois mil trabalhavam no porto ou em funções domésticas (Maestri, 1993, p. 44).

Pelotas de *ontem*: cinco mil escravos. Pelotas de *hoje*: migracão, também, de negras e negros e descendentes em busca de trabalho. Em Gramado, em... Marinalva, uma pelotense, fazendo mais limpa e bonita a Gramado para muitas e muitas brancas e brancos... Mas, também, para outros negros.

Andando meio apressado pelas ruas que separam a "rua Coberta" e a "ufrgs", no centro gramadense, encontrei dois porto-alegrenses. Pensei que fossem turistas baianos! Dois negros retintos! Eram da capital e aproveitavam o *tempo livre* para passear na serra. Com forte sotaque gaúcho, devanearam *coisas* da capital e de Gramado enquanto

a esposa e filho de um deles compravam uns *suvenirs*. Amigos, a tensão quase se colocou quando perguntei sobre os times que torciam: um era Grêmio; o outro, Inter. Porto Algre, "com o PT, melhorô", disse um deles... Já depois da derrota de Raul Pont para José Fogaça.

Por ali ficaram... A alguns metros adiante também ficou Marinalva. Ela e eles, trabalhadora da limpeza e turistas de fim-de-semana, eram pontos escuros naquele "mar" de gentes brancas. "Que bom"... Que os *pingos* negros inundam e "contaminem" o mar!

Porque também ali, próximo à rodoviária de Gramado, o ar era parcialmente inundado pela fumaça que saia das chaminés dos fornos onde queimavam a lenha e assavam a cuca e o pão. Eram muitas chaminés. Eram muitos fornos. Muitas cucas deliciosas e muitos pães saborosos... Cucas e pães, fogo e brasa, chaminés e fumaça, possíveis apenas pelas mães *mágicas* de mulheres e homens *simples* que, com presteza e agilidade, faziam brotar o fogo da lenha e das formas pretas o *pão nosso de cada dia*. E de cada noite.

Mulheres e homens meio rurais-meio urbanos. Meio camponeses-meio operários. Todas e todos, gente! Enquanto o fogo ia destruindo a lenha e espantando a escuridão forneiro, as mãos das mulheres e homens amassavam e ajeitavam a massa, que viraria *viração*, que viraria comida doce-salgada a "derreter" entre dentes brancos sem cárie e dentes espedaçados segurando próteses maiores e menores, porque pobres também, na relação de mercado, tem menos condições de comprar dentes limpos e usar aparelhos ortodônticos.

Comi, junto a uma colega e a outros dois em mesa para gentes simples na rodoviária gramadense, pedaços de cuca e pedaços de pão, a lembrar-me dos tempos que minha mãe, avós e tias preparavam nossas comidas nos fogões e fornos à lenha... Ali, também fui me redescobrindo em uma identidade que não se fazia do "alemão-batata", mas de brancas e brancos alemães-brasileiros fazedoras e fazedores de pão, assadoras e assadores de cuca.

Fui lembrando, assim, de alguns versos de Pablo Neruda, que magnificamente poetizou e eternizou camponesas e camponeses através de mãos que fazem, que tecem, que plantam, que colhem, que amassam, que cuidam, que vivem e fazem viver... E que eternizou, também, mãos que poderiam ter feito... E não fizeram...

> Eu me declaro culpado de não ter feito, com estas mãos que me deram, uma vassoura. / Por que não fiz uma vassoura? / Por que me deram as mãos? / Para que me serviram se só vi o rumor do cereal, se só tive ouvidos para o vento e não recolhi o fio da vassoura, verde ainda na terra, e não pus para secar os talos ternos e não pude unir num feixe áureo e não juntei um caniço de madeira à saia amarela até dar uma vassoura aos caminhos? / Assim foi: não sei como me passou a vida sem aprender, sem ver, sem recolher e unir os elementos. / Nesta hora não nego que tive tempo, tempo, mas não tive mãos, e assim, como podia aspirar com razão à grandeza se nunca fui capaz de fazer uma vassoura, uma só, uma? (Neruda, 1984, p. 253-254)

[7] Reginaldo Pereira Oliveira, participante do XVII ENGA, e mestrando na FCT-UNESP, e Presidente Prudente, contou-me de seu encontro com Lúcia e mais dois índios Kaigang, em rua um pouco afastada do centro de Gramado.

Marinalva continuou varrendo e ajuntando o lixo da praça. Com pá e vassoura. *Uma vassoura, uma só, uma...*

Naquela mesma tarde – final dela – encontrei, em loja de fotografia, Jonas e Julianna. Ele e ela, das terras pernambucanas. De Recife[8]. Jonas, de quase Jones, e Julianna, "com dois enes", haviam chegado em Gramado em ônibus fretado. Ainda um pouco cansados, aceitaram em tomar um chocolate quente na noite que se avizinhava. Fomos, então, a um dos bares chiques de Gramado. "Chocolate quente simples – R$ 5,00". "É caro", disse eu, dissemos nós. Quase nos levantamos... Mas falei: "ou ocupamos os lugares aburguesados, mesmo com pouco dinheiro, ou nosso chocolate quente sempre será menos doce que o das e dos ricos". Toparam a parada. Falei do Acre. Julianna e Jonas, de Pernambuco. Falei da ' ufac'. Ela e ele, da 'ufpe'. Falamos de Gramado... No "Chocolate quente simples" servido por uma das garçonetes do bar, Julianna e Jonas também foram desfiando *pedaços* da noite anterior. Em padaria – isso mesmo, padaria! – as e os pernambucanos, muito mais que ela e ele apenas, fizeram do lugar o forró e frevo de Pernambuco. O ritmo do nordeste invadiu os pães e cucas e se fez alegre nos corpos de gentes de longe e de perto. "Foi uma festa"... O bar burguês *viu*, durante mais de uma hora, três não-burgueses sentados a conversarem coisas de gentes pobres, com referências a "putas", a "bêbados", a Marx e a Saramago, enquanto que os últimos goles do "chocolate quente simples" foram saboreados como *chocolate frio*. Mas sempre *simples*...

Na noite que avançava, fui até a rodoviária para "pegar" o ônibus coletivo até o "hostel", na estrada em direção a Canela... Esperei alguns minutos. O ônibus encostou e vi guiando o volante uma mulher: Loreci. Ela, com uma agilidade que me surpreendeu (admito: se fosse um homem não teria me surpreendido) deu a marcha à ré, engatou a primeira, depois a segunda, a terceira e a quarta, e seguiu segura e firme para uma de suas últimas viagens do dia. Ou da noite.

O meu último dia de Gramado, de serra gaúcha, também foi sendo ladrilhado por entre gentes do trabalho, de uma fixidez e de uma mobilidade que, nos termos marxistas, "acompanha" as mulheres e os homens do capital. Trabalho e capital não são, contudo, como duas taças de vinho tinto seco; são, antes, a própria taça e o próprio vinho, um de outro indissociáveis, *partes* abstratas de uma mesma concretude dialética palpável e penetrável nos corpos e corações de quem trabalha, para que outras e outros acumulem, em Gramado, Canela ou em outro qualquer *rincão* gaúcho, ou mesmo para bem longe do Rio Grande do Sul[9], muito dinheiro.

Andando pelo centro – e também pelo não-centro de Gramado –, fui percebendo que pequenas mas cortantes pedras sobre muros, mesmo que baixos, indicavam que o acesso era ali também restrito. Ou, que nem tudo era permitido! Ao fundo, mas ainda em frente à casa de muro baixo, flores *embaçadas* contrastavam com as pedrinhas cortantes. No "paraíso" também os contrastes se fazem pela lógica que *migra* para qualquer *fresta* ou vale terreno, inclusive moldando *pontos* e morros da serra gaúcha. A lógica da propriedade privada...

---

[8] Jonas Corinto de Paula e Julianna Nunes Lira, estudantes da UFPE e participantes do XVII ENGA.

[9] Para interesse, sobre a *mobilidade do trabalho* e do *capital* sulista para Mato Grosso, ver a minha dissertação de mestrado (Goettert, 2000); sobre a relação capital/trabalho como "lados de uma mesma moeda", ver Grupo Krisis (1999); e sobre a "dialética do concreto", ver Kosik (1995).

E que também faz lembrar Cláudio, vigilante negro na praça-feira próxima à rodoviária gramadense. Junto com mais sete colegas, empregados de empresa de vigilância da capital gaúcha, contratada para a segurança de *partes* da cidade do turismo pela prefeitura municipal, disse gostar de Gramado, "é muito tranqüilo". Separado há seis anos e pai de dois filhos, que estão em Porto Alegre, Cláudio brinca ao falar de "putas" e de "zona" da serra, já depois de cinco estadas em trabalho de vigilância na cidade do festival do cinema. "Tem zona aqui em Gramado pra todos os tipos, sem distinção de classe, porque o que uma tem entre as pernas as outras tem também... Tem feia e mais bonita; inclusive em Canela, aqui perto, tem só pra marajá e também só pra pobre".

Fora de sua cidade, não sei se Cláudio se embrenha, à noite e na madrugada, pelas coxas das "damas da noite"... No entanto, sabe dizer perfeitamente como se chegar em bordéis gramadenses: "você segue a rua da 'ufrgs' direto, vai até o fim e lá tu pega à direita... É ali". Cláudio, um gremista triste, arrematou dizendo, diferente do guia Luís Adriano, que "zonas" existem tanto em Gramado como em Canela, mas "tem mais em Canela, isso é verdade"... "E as garotas, são de onde?" "De fora e daqui", respondeu.

Seguindo as pistas de Cláudio *deslizeu* pela rua da 'ufrgs"... Andei e andei no início da tarde que jorrava de cima sóis quentes... Aqui em baixo, até pela pressa que me avisava a volta, não encontrei "zona" alguma e, daí, nenhuma garota de programa que pudesse me contar *pedaços* de sua vida, em uma Gramado feito paraíso para algumas e alguns e orgias noturnas – e também diurnas – para outras e outros... (E que fique claro: a procura da "zona" foi interesse puramente acadêmico; mas de uma academia que pode e deve buscar nos "interstícios" dos *anos* – tempo – e dos *platôs* – espaço – a tentativa em compreender o visível e o invisível, o dito e o não dito, o dizível e o indizível, o *claro* e o *escuro*...)

Não encontrei os bordéis. Mas encontrei, no bairro periférico "Moura", o borracheiro Vanderlei, jovem com seus mais ou menos trinta anos, com as partes de dentro da grande porta da garagem-borracharia crivadas de fotos de belas damas, das da noite e das do dia. Vanderlei, trabalhador da "borracha" dos carros dali, disse que nasceu no bairro quando "aqui não tinha nada, há trinta anos". Conversamos sobre a periferia de Gramado e me disse que "pra lá tem ainda os bairros "Dutra" e "Mato Queimado", mais adiante ainda... Com Vanderlei fui descobrindo uma periferia cravada entre morros meio longe meio perto da Gramado do turismo, "lá onde fazem os bonequinho branco pra turista vê". E "caro", salientei. "Ah sim, lá é tudo tri-ladrão"...

No Bairro Moura vi o gato preto *roubar* o lixo da sacolinha branca de supermercado enfiada nos latões lixeiros. Fome. Vi a porta da casa simples "inundada" de sapatos e chinelos. Vi o bilhete na porta da borracharia: "fiado é como barba, se não cortar, cresce".

"Tri-legal". "Tri-ladrão". "Tri-legal". "Tri-ladrão"... No centro... Dos bonequinhos brancos de uma neve e geada que esfria a casa periferia e esquenta o bolso das calças, casacas e "sobretudos" das empresárias e empresários locais e de fora... Quem me avisou? Vanderlei, o borracheiro... Segui meio rápido meio melancólico *pro* centro. Tão rápido que quase não percebi o "brigadiano" – como no Rio Grande do Sul são chamados os policiais militares, porque da Brigada Militar –, negro, que orientava o trânsito. E quase atropelei o gaúcho bombachudo que vinha "trocando as pernas" pelo passeio-rua meio *torto* meio *torta*, se não fosse ele quem demonstrava ter engolido umas biritas

a mais. "Torto", continuou andando e nem se deu conta dos olhares meio odiosos meio envergonhados de cavalheiros e damas "puras", fazendo do "paraíso" a expulsão das "putas" e dos "bêbados" para as periferias distantes dos olhares nativos e estrangeiros.

De uma Gramado feita grama verde, feita casas e lojas padronizadas como simulacros teimando em dizer que tudo morre, mas longe dali. De uma Gramado que aparece nas telas da televisão e nos postais em qualquer uma das lojas de *suvenirs*. Postais com lindos prédios, bonitos jardins, muitas flores e pequenos bonecos de neve quando o frio espanta o calor e o turismo atrai os "nórdicos" do eixo Rio-São Paulo, aprendendo no sul-maravilha as delícias de um frio feito pizza doce, vinho caro e ar quente na hora de deitar na cama, seja pela lareira ou seja pelo condicionador de ar das pousadas e hotéis não menos baratos. Nos postais há, contudo, uma falta. Uma grande ausência: as gentes do trabalho. As gentes com quem fui me identificando e com elas e eles me redescobrindo em um lugar que deixei há mais de uma década. Nos postais as paisagens paradisíacas escondem as mãos que fazem o pão, que erguem as casas e os prédios, que embalam os chocolates, que consertam os pneus... Contei em uma das lojas – sim, "pesquisa quantitativa" – quarenta postais, dos quais em apenas sete apareciam pessoas. E, neles, as gentes eram apenas coadjuvantes de um "lago negro" (logo o lago, negro...) feito água e "pedalinhos" meio cisnes meio patos, ou coadjuvantes de uma neve feita branca e bonequinhos frios. No fundo, talvez, os bonequinhos eram as gentes e as gentes os bonequinhos. Inversão entre sujeito e objeto que não faz Gramado diferente de Canela, de Porto Alegre, de Pelotas, de Marechal Cândido Rondon, de Rondonópolis, de Presidente Prudente e de Rio Branco, dentre muitas e muitas outras...

## *A partida* – Herdeiro da pampa pobre

"Classe média perde 2,5 milhões de pessoas
durante 1º ano de Lula"
*Folha de São Paulo,*
*12 de novembro de 2004* (capa)

Foi assim que fui "recortando" *pedaços* de meus dias e noites em Gramado e Canela, na serra gaúcha. Repito: sempre um recorte. Um recorte dentre outros possíveis. Tentando me aproximar de um *lugar deixado* há mais de doze anos, mesmo que em outro *canto* do território gaúcho, fui me achegando às gentes do trabalho, em Gramado e Canela... Gentes e mais gentes. Nomes e mais nomes... Claudemir, Lúcia, Camila, Vanderlei, Marinalva, Cláudio, Luís Adriano, Chico, Rosa, Loreci... Do trabalho que herda tempo e espaço, mas porque a herança é, também, o nada. Ou a pobreza. Ou a migração.

> Herdei um campo onde o patrão é rei / Tendo poderes sobre o pão e as águas / Onde esquecido vive o peão sem leis / De pés descalços cabeceando mágoas / E o que hoje herdo que a minha idade afronta / Pois me deixaram com a guaiaca nua / Para pagar uma porção de contas...[10]

[10] Excerto de "Herdeiro da pampa pobre", de Gaúcho da Fronteira (versão Engenheiros do Hawaii. CD "Focus": "O essencial de Engenheiros do Hawaii". BMG).

Paguei o "hostel", noventa e seis reais, e segui rumo ao norte, deixando Gramado, deixando Canela... Deixando a serra gaúcha...

E o lugar e o não-lugar? O capitalismo, ou o *mundo* feito mercadoria das coisas e das *gentes*, sabemos, tende a homogeneizar lugares e padronizar gostos e desgostos. Produz e reproduz não-lugares. Em um dos "templos do capital"[11], contudo, os lugares foram se fazendo nas gentes do trabalho, nas mulheres e homens "comuns", pelas mãos que serviam o arroz, ajuntavam o papel-guardanapo sujo e lavavam os copos ainda lambuzados de vinho doce. O lugar foi se fazendo – porque no *fazer-se* (*cf.* Thompson, 1981) – na identidade que pude ir construindo com sujeitos do trabalho[12]. "Sujeitos sujeitados" (*cf.* Heidemann, 1998, p. 17), sabemos. Mas, também, *sujeitos-sujeitos*, fazendo-se em um *jeito* negando a coisificação completa dada pela lógica da troca capitalista. Porque, também, troquei: conversas, *pedaços* de vida, imagens e o gosto *embriagador* do vinho feito parreira, da uva feita doce para o pão, do pão saído assado do forno feito brasa, feito fogo, feito trabalho, feito gente...

Por isso, parece-me exagero *ver* Gramado apenas em sua possível negatividade. Em um dos "templos do capital", erguido pelas mãos das gentes do trabalho (é bom também nunca esquecer), a índia Kaigang Lúcia, mesmo mirada no *olhar inquisidor* do cristão branco e europeizante, vai se achando e é achada por outro branco, meio gaúcho e já meio acreano, com um olhar tentado *igual* mesmo sabedor da distância que separa, física e simbolicamente, este homem e aquela mulher. De mulheres e homens negros que vão, pelas *brechas* de um não-lugar multiétnico, fazendo de seus dias momentos de trabalho, trocando comida por dinheiro, tijolos ricos por casas pobres, carros importados por bicicletas... Mesmo sem visitar a cascata do Caracol.

Sabemos, também, que a serra gaúcha preserva, em grande medida e mesmo tomada pela "pluriatividade" e pelo turismo (necessariamente ruins?) a estrutura fundiária minifundista, onde mulheres e homens camponeses (uma classe, segundo Ariovaldo Umbelino de Oliveira[13]), vivem e sobrevivem da policultura, da religiosidade, das relações comunitárias, de vizinhança e familiares. Tradição ou não, vão tocando a vida e, tanto no campo quanto na cidade, criam e recriam oportunidades para o trabalhar e o viver de milhares de gentes, mesmo que subsumidas à lógica do capital, do lucro. Mas, nem por isso menos importante para um território – o Rio Grande do Sul – que, nas suas relações, fez migrar tanta gente que não caberia nem nos centros de tradição gaúcha dele nem nos espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Porque, também, nem todos foram e são convidados a penetrar nessa tradição nascida das relações de patronagem de um Rio Grande do Sul também escravocrata, monocultor e latifundiário.

O Rio Grande do Sul, das gentes mulheres e homens do trabalho apenas parece se mostrar em Gramado quando a festa ainda não começou ou quando já terminou, ajeitando as bolinhas coloridas da grande árvore na "rua Coberta" ou ajuntando o lixo turístico na madrugada alta do natal, quando as gentes ricas ainda dormem felizes em

---

[11] Em expressão de Marco Aurélio Espíndola, participante do XVII ENGA.

[12] Sempre em atenção a Ana Fani Alessandri Carlos, em apontamento da tríade *lugar-habitante-identidade* (1996).

[13] Esta e as demais referências a Ariovaldo Umbelino de Oliveira foram anotações de sua conferência "As novas territorialidades do espaço brasileiro", no dia 14 de novembro de 2004, em Gramado, durante o XVII ENGA.

suas camas macias e quentes... Na festa, apenas servem o vinho, o "chocolate quente simples" e lavam os copos e secam as xícaras... Algumas mãos pintam desenhos caricaturais de gentes de perto e de longe. De turistas que pagam. Outras mãos pregam pregos e cortam madeiras pequenas e grandes... Igual ao carpinteiro José, que ainda hoje aparece, mais de dois mil anos do nascimento de "seu" filho, com as mãos unidas pelo corpo e coração admirados por uma criança, deitada também no trabalho feito manjedoura e na casa feita estábulo, de pobres e pobres pastores. Um *lugar* para nascer. Mais um pobre. Era novembro, véspera do mês natalino.

O lugar também é, de certo *jeito*, um "não-lugar", pois se inscreve, se pensa e se faz como *u*-topia. Um lugar possível no interior de um "feixe de possíveis", no dizer de Walter Benjamin (1993). Uma *u*-topia fazendo-se nas gentes do trabalho inundando as cidades e os campos como os sóis inundavam o campo "vazio" que vi na tarde quase "morta" de Campestre, na estrada entre Gramado e Santa Catarina. Pois, como ainda disse Ariovaldo Umbelino de Oliveira em Gramado, a "classe camponesa" – da qual muitas e muitos de nós descendemos – se faz também na "insubordinação e rebeldia". No "ocupar, resistir, produzir". De uma reforma (porque não revolução?) agrária que se faz, fundamentalmente, "pela luta, como sempre foi", porque "no governo Lula a reforma agrária não virá", *fechou* Ariovaldo.

Então, "façamos o possível, porque nele o impossível vai se fazendo"[14]... E se o fizermos, como na perspectiva da produção de uma *geografia das gentes*, buscando entender os lugares – e os não-lugares – parece ficarem mais claras as possíveis relações das citações em epígrafe no início do texto e após cada subtítulo – todas referentes ao dia doze de novembro de dois mil e quatro –: a "classe média" mais pobre, já não "classe média", portanto – no governo Lula! –; a necessidade de reprodução, ainda, do *vício de bacharelismo* (*cf.* Holanda, 1995) e da sociedade *hieráquica-tradicional*, justamente de um "magistrado" que deveria, pela própria posição do cargo, buscar desenvolver uma sociedade *igualitária-modernizante* (*cf.* Da Matta, 1979); o seqüestro de pequeno empresário em Gramado – também ali? –; e, o frentista e a garota de programa que não escolheram o trabalho noturno, mas por necessidades labutam nas noites e madrugadas gramadenses.

Pobres: mais pobres. "Doutores" e "excelências": mais prepotentes. Seqüestradores. Mais e mais. Precarização do trabalho. "A rotina fica estranha". Menos, prostituta. "Sou secretária do amor"... *Cada lugar é, à sua maneira, o mundo*! O lugar que se lê, que lê o de fora e que é lido, pode e deve ser apreendido, também, por suas gentes pobres. Porque, sem que a ciência, a literatura, a economia, a política, a igreja e o Estado se dêem conta, e inclusive com a ausência desses –! – vão fazendo-se presentes as garçonetes e os garçons, os pedreiros aposentados e as camponesas operárias, os guias ex-engraxates e os taxistas migrantes, os borracheiros jovens e as índias *lúcias*, os vigilantes da capital e as motoristas brancas, os policiais negros e os gaúchos trôpegos, os frentistas e as "secretárias do amor"...

De um *lugar* que também se faz de placas e brasões como o que encontrei em frente à Brigada Militar de Gramado. O brasão do Rio Grande do Sul, onde se lê:

[14] Esta frase me veio durante descida do rio Juruá, entre as cidades de Porto Walter e Rodrigues Alves, no extremo oeste acreano... Todo o relato, com fotografias e devaneios publicados, encontra-se no *prelo* e será publicado pela EdUFAC, como **Lugares, jeitos e sujeitos: cortes e recortes da BR-364 acreana**.

"liberdade, igualdade, humanidade"! Pra quem? A resposta é também a perspectiva do devir, de um presente-passado-futuro que se faz no movimento, justamente, da busca de *igualdade*, *liberdade* e *humanidade*. De mulheres e homens.

Uma *geografia das* gentes. De *gentes*. Delas. Por *elas*. Com *elas*. *Gentes*...Também naquele fim de tarde, no movimento da viagem de volta para o norte, fui me lembrando, assim e simplesmente, de José Saramago, que, em *Ensaio sobre a lucidez* – depois do governo deixar a cidade –, descreveu *partes* de gentes do trabalho de casa e do trabalho da rua:

> No dia seguinte confirmou-se o rumor, os camiões da limpeza urbana não saíram à rua, os recolhedores de lixo declararam-se em greve total..." (...) "meio-dia exacto era, de todas as casas da cidade saíram mulheres armadas de vassouras, baldes e pás, e, sem uma palavra, começaram a varrer as testadas dos prédios em que viviam, desde a porta até ao meio da rua, onde se encontravam com outras mulheres que, do outro lado, para o mesmo fim e com as mesmas armas, haviam descido." (...) "ao terceiro dia saíram à rua os trabalhadores da limpeza. Não traziam uniformes, vestiam à civil. Disseram que os uniformes é que estavam em greve, não eles (Saramago, 2004, p. 103-104).

***U-topia.***
**Lugar.**

## Referências


ASSUMPÇÃO, Euzébio. Por que não festejo o 20 de setembro. In: Assumpção, Euzébio; Maestri, Mário (coords). *Nós, os afro-gaúchos*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998, pp. 19-21.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares:* introdução a uma antropologia da supermodernidade. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. O turismo e a produção do não-lugar. In: Yázigi, Eduardo; Carlos, Ana Fani Alessandri; Cruz, Rita de Cássia Ariza da (orgs). *Turismo:* espaço, paisagem e cultura. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, pp. 25-37.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis:* para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

GOETTERT, Jones Dari. *O espaço e o vento:* olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou. Tese de Doutorado. Presidente Prudente, SP: Programa de Pós-Graduação em Geografia – FCT-UNESP, 2004.

_____. *O vôo das pandorgas:* migração sulista para Rondonópolis – Mato Grosso. Presidente Prudente, SP: Programa de Pós-Graduação em Geografia – FCT-UNESP, 2000.

_____. A festa: espaço de múltiplos tempos. *Caderno Prudentino de Geografia*. n. 21. Presidente Prudente, SP: AGB, 1999, pp. 135-145.

GRUPO KRISIS. *Manifesto contra o trabalho*. São Paulo: Geousp; Labur, 1999.

HEIDEMANN, Heinz Dieter. O migrante da racionalização global. In: *O fenômeno migratório no terceiro milênio:* desafios pastorais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, pp. 15-18.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOSIK, Karel. *A dialética do concreto*. 2. ed., 6. reimp. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

MAESTRI, Mário. *O escravo gaúcho:* resistência e trabalho. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1993.

MALDONATO, Mauro. *Raízes errantes*. São Paulo: Sesc; Ed. 34, 2004.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço:* técnica e tempo: razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a lucidez*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SILVA, Armando Correia da. Apresentação – A Geografia do sujeito. *Teoria e método*. Seleção de textos. n. 10. São Paulo: AGB, junho de 1985, pp. 1-8.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento*. O Continente I. 13. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

WALTER, Benjamin. *Magia e técnica, arte e política*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

YÁZIGI, Eduardo. *A alma do lugar:* turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas. São Paulo: Contexto, 2001.

Recebido para publicação em março de 2005
Aprovado para publicação em maio de 2005